

**O DESFECHO QUE RECUSA A JORNADA: RUPTURAS MÍTICAS NA
CONCLUSÃO DE STRANGER THINGS, DOS DUFFER BROTHERS**

Renan Da Silva Dalago (renandalago@gmail.com)

A conclusão de *Stranger Things*, especificamente o episódio final intitulado “O Mundo ‘Direito’”, apresenta uma ruptura significativa com as estruturas clássicas da Jornada do Herói de Joseph Campbell e com a sistematização arquetípica proposta por Christopher Vogler, uma vez que a narrativa, inicialmente fundamentada no amadurecimento dos protagonistas por meio do confronto com o extraordinário, passa a evidenciar uma desconexão entre o clímax proposto e a resolução efetiva dos arcos dramáticos; a principal fragilidade dos Duffer Brothers reside na ausência do estágio do Retorno com o Elixir, pois, após a Provação Suprema, o herói deveria regressar ao Mundo Comum transformado e portando um elemento simbólico, seja conhecimento, poder ou consciência, capaz de restaurar ou curar a comunidade, contudo, em Hawkins, o cenário final é marcado por estagnação e ruína física, sem uma transmutação psicológica clara dos protagonistas nem da sociedade que os cerca, o que produz a sensação de uma jornada incompleta. Além disso, verifica-se uma oscilação do foco heroico entre personagens, com o protagonismo sendo deslocado de Onze (Millie Bobby Brown) para Will Byers (Noah Schnapp) e posteriormente retomado por Onze no embate final, que, contudo, culmina na morte do vilão pelas mãos de Joyce Byers (Winona Ryder), mãe de Will, e não da heroína inicialmente central, impedindo a

consolidação de um herói fixo ou de um eixo arquetípico estável e contribuindo, assim, para a sensação de dispersão narrativa e para o desconforto do público. Sob a perspectiva mítica, a narrativa falha em oferecer a catarse, pois não há uma travessia plenamente concluída nem uma reintegração clara do herói ao Mundo Comum. Elementos estruturais centrais — como a recompensa, o retorno com o elixir e a restauração do equilíbrio — aparecem diluídos ou incompletos; em termos voglerianos, o limiar final, que deveria evidenciar a transformação interna do protagonista, é substituído por uma reorganização superficial da realidade, sem consequências dramáticas proporcionais às tensões acumuladas; soma-se a isso a ausência de um confronto efetivo entre herói e vilão, o que enfraquece o clímax e impede a validação simbólica da jornada na tradição campbelliana, já que o antagonista permanece mais como presença difusa do que como força plenamente enfrentada; sem um embate decisivo, físico, moral ou psicológico, a narrativa perde a função arquetípica do vilão como catalisador da mudança do herói, resultando em um desfecho percebido como desconexo, com pontas soltas e sensação de incompletude, o que contribui para a insatisfação de parte do público diante de um encerramento que se afasta das lógicas narrativas propostas por Campbell e Vogler.

Palavras-chave: jornada do herói; mitocrítica; estrutura narrativa; arquétipos; netflix.